



EXÉRCITO

COORDENADOR — TEN-CEL HUGO DE ANDRADE ABREU

I — O SOLDADO PÁRA-QUEDISTA

Major OCTAVIO ALVES VELHO

Muitos e variados são os meios empregados nas operações aeroterrestres: o mais formidável, contudo, é o **Soldado Pára-quedista**. O avião, o pára-quedas, o equipamento especializado, a organização peculiar — nada disso caracteriza tão bem a tropa aeroterrestre quanto a qualidade de seu soldado. É ele quem, em última análise, decide do sucesso de um assalto aeroterrestre. E, para bem operar, tal e qual sucede com seu material, precisa ser perfeitamente compreendido e constantemente mantido em forma para o combate.

Quem é o soldado pára-quedista? Em que difere ele dos demais combatentes? Quais são os seus problemas mais comuns? Como podem ser estes evitados ou solucionados?

Em 1950, um distinto oficial médico do Exército Norte-americano, veterano do pára-quedismo e então Chefe do Serviço de Saúde da 82ª Divisão Aeroterrestre daquela nação irmã, realizou minucioso estudo a êsse respeito. No período de maio a dezembro daquele ano, entrevistou e examinou 582 soldados encaminhados à Clínica de Higiene Mental da Divisão, devido à problemas de natureza médica ou personalógica. Conquanto não fôsse especializado em psiquiatria, nem se tratasse de um psicoterapeuta, o Ten-Cel Spulgeon H. Neel Júnior possuía grande cultura profissional, longo tirocínio como médico militar, experiência de combate (durante a 2ª Guerra Mundial, fôra condecorado duas vezes com a "Medalha de Bronze", equivalente a nossa "Cruz de Combate de 2ª Classe", e uma com a **Purple Heart**, por ter sido ferido em ação) e conhecimento pessoal das emoções vividas pelo pára-quedista militar, além de elevados sentimentos de solidariedade humana ("empatia") e de espírito-de-corpo. Tudo isso assegurou-lhe

as bases necessárias para a consecução de esplêndidos resultados em sua interessante e útil investigação. No ano seguinte, já aluno da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em Fort Leavenworth, publicou um relato de suas conclusões na revista "Combat Forces Journal", número de dezembro de 1951.

Seria deveras ideal se dispuséssemos no Brasil dos recursos em pessoal e material especializados, para levarmos a cabo, nós mesmos, uma pesquisa análoga. Enquanto, porém, tal não pudermos fazer, julgamos lícito tomar como ponto de partida o estudo acima citado, fazendo as indispensáveis adaptações, já que outras são as condições brasileiras. Lembremos, sem embargo, que as reações individuais não variam muito devido a razões de ordem biológica ou psicológica, mas tão somente por contingências culturais — tomando-se aqui "cultura" em sua acepção sociológica, isto é, como "um sistema de idéias, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade.

As condições de aceitação dos candidatos à tropa aeroterrestre não são puramente clínicas e físicas, senão também referentes à vivacidade mental, ao equilíbrio emocional, ao autodomínio e à agressividade (sendo esta considerada no sentido de "combatividade"). Antes de procurarmos apreciar alguns dos problemas específicos dos pára-quadistas, cumpre esboçarmos certos traços comuns de sua psicologia.

Todo pára-quadista militar é voluntário. Ele escolhe a tropa aeroterrestre, mas esta, por sua vez, também o escolhe. Este processo de seleção mútua serve de base a toda sua futura formação e aperfeiçoamento. Após severos exames e testes e uma vigorosa preparação física, realizada no decorrer da Instrução Básica Militar, os recrutas vão para a área de Instrução Básica Aeroterrestre. Ali, ao lado de oficiais e de praças antigos, também voluntários ao pára-quadismo, são submetidos a acurado treinamento técnico, sem quaisquer privilégios ou favoritismo, e que é coroado por cinco saltos de um avião em vôo. Esse início em comum — na provação e na comprovação de sua robustez e tenacidade — proporciona uma identificação entre oficiais e praças não encontrada em nenhuma outra tropa, e que, prosseguindo através de toda sua atividade aeroterrestre, constitui o fundamento das relações de comando e subordinação.

Os voluntários para o pára-quadismo provêm de todos os Estados e Territórios da Federação e de todas as classes sociais e atividades profissionais. Ali são representados todos os credos religiosos, origens étnicas, graus de instrução. Até hoje nada há, nos EE.UU ou no Brasil, que possa caracterizar determinado grupo como sendo o que dá melhores pára-quadistas.

Muitas são as razões que levam o homem a procurar voluntariamente servir na tropa aeroterrestre, examinando-as, podemos vislumbrar o tipo e o grau de sua motivação. A compreensão desta, outrossim, permite predizer a personalidade básica do soldado pára-que-

distas, quais os seus objetivos na vida, quais os problemas individuais com que provavelmente se defrontará. Para facilidade de discussão, as motivações para servir na tropa aeroterrestre podem ser divididas em dois grupos principais:

— O grupo maior é o agressivo — os que pertencem a este, procuram progredir e conquistar um lugar na vida. O serviço aeroterrestre oferece-lhes uma oportunidade para filiarem-se a um grupo exclusivamente de voluntários rigorosamente selecionados, com uma tradição magnífica e um futuro promissor. A gratificação de salto e o uniforme que distingue o pára-quedista são um outro incentivo, porém devem ser tomados em sua devida perspectiva, ao lado de fatores menos concretos, como sejam o moral individual e o espírito-de-corpo. Os homens deste grupo dão bons pára-quedistas e, em compensação, alcançam um meio socialmente aceitável de expressar sua agressividade e sua necessidade de reconhecimento, ao buscarem realizar-se em meio ao prosaísmo e à chatice do mundo de hoje. São raros, entre eles, os problemas disciplinares e de personalidade.

— O outro grupo, bem mais reduzido, é constituído pelos “escapistas”. Geralmente procuram a vida militar, tentando escapar a certas responsabilidades desagradáveis da vida civil, apenas para descobrir que terão essas mesmas responsabilidades no Exército, e ainda por cima dentro de um sistema social mais rígido. São atraídos para a tropa aeroterrestre pelo prestígio desta e pelas maiores vantagens financeiras. É apreciável o número dos que se apresentam impulsionados por motivações tão precárias e alguns chegam mesmo a qualificarem-se pára-quedistas, somente para constatar que suas responsabilidades são multiplicadas e que se passa a esperar muito mais da parte deles. Para estes, a tropa aeroterrestre representa como que a idéia de “Legião Estrangeira”, tão comum há alguns anos, e uma vez pertencentes a ela, não mais lhes parece possível escapar.

Um corolário interessante desta concepção ocorreu nos Estados Unidos, tempos atrás, quando foi aberto o voluntariado para as então recém-criadas Companhias de **Rangers** (correspondentes aos **Commandos** britânicos): uma percentagem relativamente alta desses homens desajustados procurou evadir-se uma vez mais, apresentando-se como candidatos àquelas unidades de escol. O Exército Norte-americano evidou esforços sérios, através de cuidadoso estudo das alterações e das fichas disciplinares dos voluntários, isso após severíssima seleção psicotécnica, a fim de identificar esses homens e conservá-los em suas unidades de origem, onde poderiam ser recuperados e convertidos em soldados eficientes. Uma subdivisão particularmente nociva deste grupo de “escapistas” é a dos que deliberadamente se aproveitam da possibilidade de transferência da tropa aeroterrestre para outras unidades, com o fito de fugirem qualquer situação militar incômoda ou que requeira deles o cumprimento de responsabilidades bem definidas. Trata-se de maus pára-quedistas militares, só interessados no aspecto esportivo e aventureiro do pára-quedismo, e demandam enorme trabalho por

parte dos escalões de comando e do Serviço de Saúde. Assim, uma minoria bem pequena de pára-quedistas é responsável pela maioria dos problemas enfrentados pelos comandantes da tropa aeroterrestre.

O soldado aeroterrestre é jovem, não só por força da Lei do Serviço Militar, como igualmente pela natureza de suas atividades normais. Daí se conclui logo a respeito de seu estado civil e de seus interesses sociais, o que é mais importante, isso indica uma reação contra a autoridade, sua necessidade de liderança forte (paternal), e os seus sentimentos para com os camaradas (irmãos-de-armas) e para com o chefe (o "velho"). Afirmar que o soldado pára-quedista geralmente é imaturo, seria um erro. Ele é apenas um jovem, mal saído da adolescência (às vezes, nem isso), porém sua maturidade emocional e mental é a própria de sua idade. É, via de regra, impressionável e visionário, mas não um sonhador que viva em um mundo de fantasia: o pára-quedismo é uma realidade mental e física bem nítida. A maneira pela qual ele se ajusta ao estilo de vida aeroterrestre depende sobretudo do ponto-de-vista "jovem" com que aceita suas responsabilidades individuais, que estão em permanente mudança, seja na instrução, seja no combate. Sua flexibilidade de atitudes e de inteligência é tão importante quanto a de suas articulações: são os jovens no coração e na mentalidade que dão os melhores pára-quedistas.

O soldado pára-quedista é agressivo, e é a intensidade desta característica que o distingue acima de qualquer outra coisa. A agressividade, todavia, é uma espada de dois gumes: embora explique a grande eficiência do pára-quedista em combate, é também responsável por muitos dos problemas pessoais e disciplinares, máxime em tempo de paz. Ser agressivo não é o mesmo que ser anti-social. No primeiro caso, trata-se de uma força salutar de extraordinário valor tanto para o indivíduo quanto para o Exército, ao passo que no segundo o que se faz sentir é um ímpeto anárquico, destruidor e pervertido, que age em detrimento do homem e da coletividade. A agressividade só é sadia quando se volta contra um adversário ou contra qualquer situação difícil; é indesejável quando dirigida contra a unidade ou corporação do indivíduo, e patológica quando se volta contra o próprio eu. A "manutenção preventiva" do soldado pára-quedista, sob o aspecto de higiene mental, consiste, em grande parte, em proporcionar-lhe metas valiosas e socialmente aceitáveis para sua agressividade natural — o inimigo, objetivos a atingir na instrução e no serviço, competições desportivas. A energia está presente no homem e não pode ser negada nem discutida: tem de ser dissipada ou sublimada.

O soldado pára-quedista tem brio e grande amor-próprio; passou por uma rigorosa triagem e provou do que é capaz. Vangloria-se de seus próprios feitos e dos de seus antecessores. Foi selecionado e instruído tendo em vista padrões perfeccionistas, e espera que estes sejam satisfeitos pelos demais. É intolerante para com todos quantos não correspondam às expectativas dêle. Suas botas de salto, seu brevê e os distintivos que ostenta no braço e no gorro são símbolos de sua posição

social (status), e para êle sintetizam a honra pessoal e o pundonor profissional. Ufana-se dêles não por mero exibicionismo, mas sim porque condensam certos sentimentos profundos e intangíveis.

O soldado pára-quedista, mais do que qualquer outro, é dotado de espírito de clã. Não só proclama aos quatro ventos sua condição de pára-quedista, como faz questão de citar a unidade ou subunidade a que pertence. Tôda a preocupação que se nota com pormenores relativos a diversos tipos de brevê, côr do gorro, distintivos, etc., nada mais exprime do que a tentativa de materializar essas identificações estreitas dos pequenos grupos, onde os contatos predominantes são do tipo "face-a-face". Estes poderosos elos de afeição entre os pára-quedistas, dentro das subunidades e mesmo frações, é que respondem pela comprovada eficiência dos elementos aeroterrestres em situações de isolamento e em operações independentes. O respeito mútuo existente entre o soldado pára-quedista e os "seus" oficiais e sargentos, deriva da instrução básica em que juntos sofreram e dos contatos cerrados que têm a partir daí — principalmente por ocasião dos saltos, quando comungam das mesmas emoções e perigos e quando cada um dêles verifica o equipamento do companheiro da frente ou da retaguarda (sem olhar a pôsto ou graduação), dando-lhes o "Pronto". Nos Estados Unidos, onde já é grande o número de unidades independentes e de Grandes Unidades Aeroterrestres, o soldado pára-quedista resiste tenazmente à idéia de ser transferido de uma para outra; uma vez, porém, que isso seja fato consumado, rapidamente transfere sua lealdade para a nova organização, e em breve afirma, novamente, que pertence "à melhor unidade do Exército". Quando um camarada morre, quer em combate, quer na instrução, a intensa emoção sentida por êle transforma-se em sincera tristeza, chegando muitas vêzes a assumir características neuróticas e a exigir cuidados médicos.

Essa é, a grosso modo, a psicologia do soldado pára-quedista: êle é jovem no espírito e no corpo, agressivo, e muito apegado ao grupo. Estes atributos psicológicos são elementos indispensáveis do pára-quedismo militar. Ao mesmo passo que determinam a eficiência em combate do soldado pára-quedista, tornam-no mais exposto à certas dificuldades de ordem pessoal e disciplinar, em tempo de paz e nos intervalos entre operações de guerra. Ao analisarmos qualquer pessoa, devemos sempre levar em conta o seu ambiente, pois, como dizem Rumney e Maier "tôda a psicologia é, em grande parte, social, já que não se conhece o homem isolado de seus semelhantes: a natureza humana é intrinsecamente social... Por outro lado, todos os fenômenos sociais são, até certo ponto, psicológicos, visto como se alicerçam nos desejos, emoções e aspirações dos homens". Durante a instrução, e mais especialmente em combate, o pára-quedista é ensinado a respeitar a fôrça e a desprezar a fraqueza sob qualquer aspecto. Vê-se rodeado de outros homens iguais a si e comandado por oficiais e sargentos animados por motivações e ideais semelhantes aos seus. Seu treinamento é árduo e freqüentemente realizado em condições assaz realistas, desenvolvendo nêle um vivo gôsto pelas atividades e prazeres físicos. É

americana, baseada em amostra representativa, atesta que só é possível recuperar homens cuja personalidade básica é normal, e que se desajustaram tão só por terem sido submetidos a tensões invulgares ou excessivas. As tensões que mais amiúde precipitam desajustamentos de situação, vêm a ser as seguintes:

1º. — Dificuldades na vida doméstica, associadas ou não à atividade aeroterrestre;

2º. — Deficiências do sistema de seleção, qualificação, promoção e classificação, que levam indivíduos não habilitados a exercer funções ou a ocupar postos acima de suas possibilidades;

3º. — Conflitos de personalidade entre o indivíduo e seus camaradas ou seus chefes imediatos, devido a preconceitos ou a razões pessoais. (Isto é menos freqüente no Brasil que nos Estados Unidos);

4º. — Exigências excessivas, de trabalho em paz ou tensões na guerra, resultantes do mau vézo de se sobrecarregar os bons elementos, poupando aos que não o são.

Os três problemas disciplinares gerais, considerados como de maior interesse para os comandantes aeroterrestres pelo pesquisador norte-americano, são a ausência, as doenças venéreas e o ânimo francamente briguento. No Brasil, parece-nos devermos acrescentar as questões correlatas do casamento das praças e do reconhecimento de filhos ilegítimos.

A ausência não é, entre os pára-quedistas, o mais das vezes, uma evasão a serviços pesados ou arriscados, mas antes uma forma de "ataque" contra situações desinteressantes ou enfadonhas. É menor o número de ausentes, e até mesmo de simples faltosos, em época de grande atividade de saltos, exercícios táticos, manobras, competições desportivas, etc., do que nos intervalos em que predominam as sessões em sala ou os trabalhos de faxina. No Exército norte-americano, por outro lado, observou-se durante a guerra que era comum pára-quedistas terem alta por evasão dos hospitais onde estavam convalescendo para regressarem a suas unidades na linha de frente.

As doenças venéreas são um flagelo da mocidade, fruto da organização social na cultura ocidental, da má educação sexual, de defeitos de orientação pessoal e de outros fatores fora da órbita de nosso artigo. Embora deploráveis, são um outro meio de satisfação das tendências agressivas é possível minorar seus efeitos por meio de uma adequada orientação espiritual, assistência médica e educação sexual racional.

Muito de perto ligados às doenças venéreas estão as questões acima citadas do casamento dos praças e do reconhecimento de filhos ilegítimos. Nesta última, cabe a ação decisiva do líder militar como educador, já que a imensa maioria de nossos recrutas chega à caserna sem a necessária preparação para enfrentar tais problemas. Quanto à primeira depende-se do Alto Comando do Exército para ser introduzida uma atualização na legislação a respeito. Parece-nos que já é tempo de cogitarmos de rever o "Estatuto dos Militares" e outras leis básicas,

atendendo-se à evolução das condições sociais e econômicas, ao espírito da Constituição vigente e aos ditames da Moral e da Razão. Devemos estimular, e não reprimir os anseios dos jovens que preferem constituir legalmente família a viverem na promiscuidade sexual, a esbanjarem sua saúde e a perverterem-se em ligações fáceis e aventuras em que se conspurcam os mais nobres sentimentos do homem. Cabe à Família e ao Estado — quando aquela falta, conforme tão desgraçadamente se vê hoje — ampararem seus novos membros que querem unir-se, em vez de forçá-los a procurarem soluções inferiores, degradantes e arriscadas, para seus naturais desejos de criar raízes e de expressar-se sexualmente.

Quanto à má conduta, freqüentemente sob a forma de brigas e badernas no meio civil, é igualmente encontrada e indesejável, a despeito de todos os esforços: isso reflete, também, a agressividade, o amor-próprio e o amor ao grupo. Talvez o efeito secundário mais desagradável da seleção e instrução rigorosas dos pára-quedistas seja a tendência de alguns destes para olharem como inferiores aos demais soldados, que não passaram por êsse processo de filtragem, e a que desdenhosamente alcunham de "pés pretos".

Qual é a solução para êstes problemas que nos deixam perplexos? Será que a tropa aeroterrestre terá sempre de suportar a praga destas dificuldades disciplinares para que possa manter-se em forma para o combate?

A maioria dos problemas apontados podem ser reduzidos a um denominador comum: "Liderança". Não é fácil comandar pára-quedistas: é um desafio à capacidade de chefia de todos os que são distinguidos com semelhante honra.

Malgrado a rígida disciplina que caracteriza a tropa aeroterrestre, dificilmente os pára-quedistas seguirão um chefe fraco e ineficiente, e que não tenha demonstrado seu valor por fatos concretos. O oficial ou sargento pára-quedista não pode confiar apenas em seu posto ou graduação e em sua função: êle tem de "conquistar" seu direito ao comando, graças à capacidade pessoal. O soldado pára-quedista percebe rapidamente as "máscaras", o "farol", as falsas fachadas: êle espera perfeccionismo por parte de seus superiores.

O Ten-Cel Neel, parafraseando o notável líder militar que foi o General George S. Patton, Júnior, diz: "Comandar uma unidade aeroterrestre é como comer espaguete. Não se pode empurrá-lo por detrás: é mister puxá-lo pela frente". Tal e qual o oficial pára-quedista lidera sua equipe na porta do avião, deve fazê-lo igualmente em tôdas as situações, dando-lhe o adequado exemplo moral, social e intelectual: seus homens serão o que êle fôr. A despeito de sua eventual juventude, o oficial pára-quedista tem que reconhecer e gostar de ocupar sua posição "paternal", exercendo seus deveres de forma firme, justa, sincera e amadurecida. Deve saber manter sua dignidade pessoal e respeitar a de todos os seus homens.

Jamais deve procurar fazer demagogia ou mimar seus subordinados, pois isto será logo devidamente reconhecido como fraqueza de sua parte. Os soldados pára-quedistas detestam qualquer fraqueza, sobretudo em um chefe; nunca deverá, sem embargo, confundir energia com falta de educação. Compete aos oficiais e sargentos a criação e a manutenção de um bom clima de relações humanas na unidade: estas, como já foi dito alhures, são sempre "uma rua com duas mãos de direção".

A instrução deve ser progressiva e vivificada por uma imaginação fértil em recursos. Devem ser exploradas ao máximo a energia e a agressividade dos soldados, inclusive em atividades recreativas, onde também os chefes deverão dar o exemplo. O pára-quedista, jovem e impressionável, seguirá os líderes até o combate, à igreja, a um jôgo, ou a outras atividades não tão sadias ou produtivas.

O soldado pára-quedista é um recurso humano de valor militar inapreciável. Bem comandado, corretamente esclarecido e orientado, não só ganhará a guerra, mas também vencerá quaisquer maus impulsos que porventura tenha.



Caixa de 100 Comprimidos

DOR - GRIPE - RESFRIADOS
RODINE

A boa enfermeira



A marca de confiança

R-106-160